

# *Ce que parler veut dire/ O que falar quer dizer.* Apresentação e análise do livro de Pierre Bourdieu

Carla Aurélia de Almeida

A obra de Pierre Bourdieu, intitulada *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*, publicada em 1982, pela Fayard, tem um título que é, em si mesmo, um programa de pesquisa.<sup>1</sup> Trata-se de um título que consubstancia uma multiplicidade de leituras críticas de grandes obras que influenciaram as correntes modernas da Linguística: constituindo uma reflexão sobre *o falar* como “objeto simbólico” (Bourdieu, 1982, p. 9), Pierre Bourdieu escreve esta obra, demonstrando que leu a fundo os autores da Linguística. Analisa os autores que se inscrevem no paradigma da Linguística Estrutural e da Linguística Generativa e confronta as suas teorizações com as correntes teóricas que surgiram no âmbito do estudo da Semântica, da Pragmática e da Sociolinguística e que se abriram ao estudo da linguagem em contexto de uso. É no âmbito desta análise aprofundada que se compreende a importância de a tradução do título para Português manter totalmente o sentido do título no

<sup>1</sup> O presente texto resulta da intervenção realizada na sexta sessão do Ciclo de Debates “Bourdieu e os seus livros”, promovida no âmbito das atividades do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP). Expresso o meu profundo agradecimento à organização deste Ciclo: o convite que me foi feito para participar neste evento dedicado à obra de Pierre Bourdieu (realizado por ocasião dos vinte anos da sua morte) e que constituiu, citando o que é dito na divulgação do evento, uma “atividade” que “é um convite à leitura do trabalho sociológico de Bourdieu (...)”, representou uma honra e também um desafio. Como linguista que sou, foi desafiante procurar contribuir para o incentivo à releitura de uma obra que é particularmente marcante no campo da Linguística do Discurso, em geral, e da Sociolinguística, em particular.

original Francês: “O que falar quer dizer. A Economia das trocas linguísticas”. Com efeito, no âmbito das correntes modernas da Linguística, a expressão “querer dizer” remete para o cálculo que os interactantes fazem, em contexto interativo, da *intencionalidade comunicativa* e/ou *sentido* das trocas discursivas nas interações. Nesta obra, como iremos procurar demonstrar, Bourdieu aprofunda as análises semânticas e pragmáticas que se focam nestas questões da *intencionalidade* e do *sentido* para se deter no *poder simbólico ou na eficácia simbólica do discurso* que decorre do *poder delegado* que se atribui ao locutor como porta-voz do seu estatuto e/ou posição na estrutura social.

Fiel ao princípio de se considerar *o falar* no contexto da sua produção (o lugar da fala que na Linguística Interacional se chama de *lugar interacional*<sup>2</sup>), começo por citar a intervenção que Pierre Bourdieu fez no Congresso da Associação Francesa dos Docentes de Francês (AFEF), em Limoges, a 30 de outubro de 1977,<sup>3</sup> quando procurou explicar aos docentes de Francês “O que Falar quer dizer”, analisando a intrínseca relação entre o poder simbólico da linguagem e o campo educacional e destacando o poder dos Professores no “mercado das trocas linguísticas”:

Hoje, aqui, gostaria de tomar como ponto de partida de minha reflexão o questionário que alguns de vocês [docentes de Francês] prepararam para esta reunião. Se tomei este ponto de partida, foi com a preocupação de dar a meu discurso um enraizamento tão concreto quanto possível e evitar (o que me parece uma das condições práticas de toda relação de comunicação verdadeira) que aquele que tem a palavra, que tem o monopólio real da palavra, imponha completamente o arbitrário de sua interrogação, o arbitrário de seus interesses. A consciência do arbitrário da imposição da palavra coloca-se cada vez com mais frequência, hoje, tanto a quem tem o monopólio

<sup>2</sup>Cf. a análise da noção de *lugar interacional* de C. Kerbrat-Orecchioni (1987):

A noção de *lugar* reenvia para a metáfora da ideia (desenvolvida entre outros por François Flahault, 1978) que no decorrer de uma interação os diferentes participantes da troca podem encontrar-se “posicionados” num lugar diferente neste eixo vertical invisível que estrutura a relação interpessoal (Kerbrat-Orecchioni, 1987, p. 319, tradução própria).

<sup>3</sup>Intervenção também publicada na revista *Le français aujourd'hui*, em março de 1978, no n.º 14 e suplemento.

do discurso quanto aos que o sofrem (Bourdieu, 1983, tradução da edição em Português do Brasil).

Para Bourdieu, “tomar a palavra” constitui assumir uma “posição” e/ou “situação autorizada” pelos interlocutores e, por isso, é uma “imposição”:

Por que em certas condições históricas, em certas situações sociais, ressentimo-nos, com angústia ou mal-estar, desta demonstração de força que está sempre implícita ao se tomar a palavra em situação de autoridade ou, se quisermos, em situação autorizada, sendo o modelo desta situação a situação pedagógica? (Bourdieu, 1983).

Assim, fiel ao espírito aqui revelado nesta intervenção de Bourdieu, tentarei não impor demasiado as minhas interrogações e os meus interesses com a partilha da minha leitura deste livro de Bourdieu, que apresenta importantes instrumentos de análise para a compreensão do programa de pesquisa sobre “o que o falar quer dizer”. Destacaria, assim, como eixos fundamentais de *Ce que parler veut dire* de Pierre Bourdieu os seguintes pontos: i) o poder simbólico da linguagem; ii) o mercado linguístico e o capital linguístico daquele que fala (o locutor/agente); iii) a linguagem e a dominação social.<sup>4</sup>

Nas secções seguintes do presente texto, analisarei cada um destes eixos fundamentais.

## O poder simbólico da linguagem: o *querer dizer* e o *falar intencional*

*Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques* (*O que falar quer dizer. A Economia das trocas linguísticas*) retoma uma reflexão linguística que analisa as relações entre linguagem e o seu contexto de uso. O reequacionamento desta reflexão à luz de uma Sociologia da Linguagem (proposta que Bourdieu, em alguns momentos desta obra, realiza como denominação da disciplina que estuda os usos da linguagem, mais do que o termo disciplinar de Sociolinguística) permite a Bourdieu refletir e percorrer, criticamente, nesta sua obra, as múltiplas

<sup>4</sup>A análise do livro *Ce que parler veut dire* é feita pelo próprio Bourdieu numa entrevista disponível em <https://youtu.be/kxGZHT0f9UY>.

correntes modernas da Linguística. Fiel ao título “O que falar quer dizer” está a leitura crítica que Bourdieu faz de obras como a de J. Austin, intitulada, no original em inglês, “How to do things with words”, traduzida para o Francês “Quand dire, c’est faire”. Retomando as conferências William James que J. Austin deu na Universidade de Harvard, em 1955, sobre “o querer dizer” – noção que está na senda do “querer dizer NN (=querer dizer Não Natural)” de H. P. Grice (outro filósofo da linguagem) –, Austin desenvolve o que entende por *uptake* ou *reconhecimento da intenção comunicativa*. Bourdieu destaca este último conceito, referindo-o como o “falar intencional”, associando-o à noção de “ato performativo” e de “condição de felicidade”. Com efeito, a análise de “o querer dizer” permite a Bourdieu fazer uma leitura crítica da teorização de Austin para a reequacionar à luz do que chama de “poder simbólico da linguagem”, reflexão que é, mais tarde, destacada no livro *Langage et pouvoir symbolique* (2001[1991]).

Tendo por base a *indagação científica* (expressão de Madureira Pinto, 2007) que possibilita a problematização de dimensões metodológicas e epistemológicas subjacentes à construção do conhecimento científico, a obra *Ce que parler veut dire: L'économie des échanges linguistiques* problematiza alguns aspetos fundamentais para a Linguística: (i) críticas à análise de Saussure e de Chomsky; (ii) referência a autores da Linguística como Benveniste, Austin e Berrendonner e demonstração das intersecções entre o linguístico e o social; (iii) abordagem problematizadora da intencionalidade comunicativa e estudo do “*habitus*” linguístico, no âmbito da Sociologia da Linguagem.

Considerando os aspetos anteriormente referidos, a temática do livro permite fazer compreender a “eficácia simbólica do discurso” (Bourdieu, 1982, p. 105), apresentando instrumentos de análise que possibilitam o entendimento do jogo de forças/apostas/ desafios – “*enjeux*” – realizado com o uso da linguagem.

## O mercado linguístico e o capital linguístico daquele que fala (o locutor/agente)

Numa altura em que “queria escrever *uma teoria geral da cultura*” (Bourdieu, 1982, p. 8, *itálicos meus*), Bourdieu leu a fundo Saussure, o *Cours de Linguistique Générale*, das edições Payot e confessa que foi sensível “aos efeitos mais visíveis da dominação exercida pela disciplina da Linguística”: referindo-se à “Linguística Estrutural como teoria pura”, salienta “o jogo sem consequências de exercícios

‘puros’, de uma análise puramente interna e formal” (Bourdieu, 1982, p. 8).<sup>5</sup> No extremo oposto a estas análises da Linguística Estrutural, Bourdieu analisa o que Catherine Fuchs (1981) chama de “problemáticas enunciativas”, destacando o papel do “mercado linguístico” (Bourdieu, 1982, p. 16):

o que circula no mercado linguístico, não é “a língua” [de Saussure], mas os discursos estilisticamente caracterizados, ao mesmo tempo do lado da produção, na medida em que cada locutor faz um idioleto com uma língua comum e, do lado da recepção, cada recetor contribui para produzir a mensagem que ele percebe e interpreta importando para esta mensagem tudo o que faz a sua experiência singular e coletiva (Bourdieu, 1982, p. 16),

isto é, faz a “sua apropriação simbólica” (Bourdieu, 1982, p. 16) à qual todos os objetos simbólicos estão sujeitos. Bourdieu refere, no capítulo sobre “L’économie des échanges linguistiques”, que:

o estilo, quer se trate da poesia comparada com a prosa, ou a dicção de uma classe (social, sexual ou geracional) comparada com a de uma outra classe, existe apenas em relação com os *agentes dotados de esquemas de percepção e de apreciação* que permitem constituir-lo como conjunto de diferenças sincreticamente apreendidas (Bourdieu, 1982, p. 16; itálicos meus).

Por exemplo, no campo da Literatura, a propósito da conotação na poesia, Bourdieu assinala o seguinte: “O paradoxo da comunicação é que ela supõe um meio comum, mas que apenas tem sucesso quando suscita experiências singulares, quer dizer, *socialmente marcadas*” (Bourdieu, 1982, p. 16; itálicos meus).

A partir da crítica à dicotomia do “tesouro” da Língua vs. Fala (*Langue/Parole*) de Saussure com a “exclusão de toda a variação social inerente” (Bourdieu, 1982, p. 7) e da crítica à dicotomia competência/performance de Chomsky, competência que diz respeito ao conjunto de propriedades formais de uma gramática universal que existiria na cabeça de um falante-ouvinte idealizado

<sup>5</sup> Os excertos citados do original da obra em francês foram traduzidos por mim.

sem problemas de hesitações, sem lapsos de memória, “em detrimento de constrangimentos funcionais” (Bourdieu, 1982, p. 7), Bourdieu salienta que ambas as teorias estudam *um código* idealizado<sup>6</sup> – no dizer de autores da Linguística Interacional “único e monolítico” sem “nenhuma realidade empírica” (Kerbrat-Orecchioni, 1999, pp. 8-9) –, isto é, uma idealização “sem nenhuma existência social” (Bourdieu, 1982, p. 16).

Bourdieu refere que “as palavras do dicionário não têm nenhuma existência social” (Bourdieu, 1982, p. 16), “só existem imersas nas situações”, destacando que o *sentido* depende dos *contextos* (Bourdieu, 1982, p. 17) e que os usos da linguagem estão enraizados nas condições históricas e sociais dos seus locutores. Esta análise do *poder simbólico da linguagem*, com a sua *eficácia simbólica*, permite a Bourdieu estudar a relação da linguagem nos diferentes campos, analisando os sentidos (situados) com base na relação com a estrutura do espaço social em que os discursos são produzidos. Bourdieu refere que o domínio das “diferentes variedades linguísticas, [d]os registos de língua depende de condições de existência que sejam capazes de autorizar uma relação com a linguagem” (Bourdieu, 1982, p. 17), condições de existência:

no campo educativo [cf. o texto intitulado “Rapport pédagogique et communication”, Bourdieu & Passeron, 1965], no campo político, no campo artístico, no campo religioso, ou no campo filosófico, isto é, [dominar diferentes variedades linguísticas] depende da estrutura das classes sociais nas quais os recetores estão situados e em relação às quais eles interpretam a mensagem (Bourdieu, 1982, p. 19).

Trata-se de realizar o estudo das “lógicas sociais diversas” (no dizer de Madureira Pinto, 1985, p. 51) que os agentes sociais mobilizam para legitimar um ponto de vista. Os “sistemas simbólicos” (arte, religião e língua) são “estruturas estruturantes e estruturadas” e “as produções simbólicas como o discurso são “instrumentos de dominação” (Bourdieu, 1977, p. 406).

<sup>6</sup> Sobre esta noção de código e de outros aspetos referidos no esquema de Jakobson, cf. a seguinte afirmação de José Madureira Pinto:

Problematizar o modelo de Jakobson, no sentido de definir a comunicação como um *fenómeno social*, e assumir todas as consequências teóricas que daí decorrem, constituem condições necessárias para romper o círculo de falsas ‘evidências’ em que ele se apoia e encerra (Madureira Pinto, 1978b).

Para Pierre Bourdieu, a linguagem serve mais para *dominar* do que para comunicar e *falar* é um produto que circula na *estrutura do mercado*.

## Linguagem e dominação social: o *habitus* linguístico

Um Linguista, ou um Sociolinguista, destacará esta questão da “relação de forças”, do “poder simbólico da dominação” na estrutura do espaço social no qual os discursos são produzidos. A *dominação* feita através da linguagem, que Bourdieu analisa ao longo desta obra, fez-me pensar, enquanto leitora da área da Sociolinguística e alguém que fez uma Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, na peça do teatro do absurdo do autor romeno-francês Eugène Ionesco, intitulada *La Leçon*. Escrita e encenada em 1951, esta é uma peça sobre o poder de dominação do discurso do Professor que, ao dar uma lição de Linguística, acaba por matar a estudante (doutoranda), quando inicia as lições sobre Filologia Comparada. Nas aulas de Fonética, o Professor apresenta um exemplo, obrigando a estudante a repeti-lo em diferentes línguas, o que ilustra o humor do teatro de absurdo. A repetição da frase “*Les roses de ma grand-mère sont aussi jaunes que mon grand-père qui était Asiatique...*” (Ionesco, 1954, p. 128), traduzida para português como “As rosas da minha avó são tão amarelas como o meu avô que era asiático”, relembra a referência que Bourdieu faz aos dicionários e aos exemplos “sem nenhuma existência social” (Bourdieu, 1982, p. 16).

Com efeito, a referência que Bourdieu faz a dicionários como *L'Argot* ou à gramática *Le Bon Usage* permite destacar o distanciamento entre a perspectiva dos dicionários e da gramática (perspetiva normativa, de Política de Língua) e as questões fundamentais da Sociolinguística, que Bourdieu salienta nas seguintes interrogações: “O que é falar com autoridade?”, “Quais são as condições sociais que possibilitam que a comunicação se realize?” Na análise destas perguntas de partida, Bourdieu refere os estudos de Bernstein sobre a linguagem usada pelos alunos na Escola e os de William Labov sobre o insulto e o uso de fonemas específicos por parte de agentes sociais particulares. Atente-se, por exemplo, no trabalho de Labov (1972) sobre o inglês vernacular dos negros. Bourdieu destaca ainda o fenómeno de hipercorreção, fenómeno característico do falar pequeno-burguês em oposição ao fenómeno de hipocorreção, que ocorre noutros contextos. Apenas para ilustrar, convoco o uso em português de exemplos

como “nunca vistes?” para a segunda pessoa do singular (tu) que ocorre numa narrativa de experiência de vida que irrompe numa entrevista de investigação (Almeida, 2012, p. 425). Bourdieu salienta também outros aspetos da linguagem como a pronúncia. Compreende-se assim que Bourdieu destaque os estudos de Benveniste e de Austin sobre os enunciados performativos que necessitam de uma instituição extralinguística (cf. a epígrafe da autoria de Austin que é citada na p. 103 deste livro de Bourdieu e que diz respeito ao locutor que batiza o navio com o nome de Joseph Staline num ritual encenado, mas, como não é o locutor autorizado para o fazer, o ato é defetivo). Atente-se ainda na crítica que Bourdieu faz ao linguista Récanati, em nota de rodapé: perante a sua proposta de inscrição da Pragmática Linguística na Semântica Formal, Bourdieu, como contrapartida, destaca a análise linguística de Berrendonner (1981) que assinala a necessidade de integrar no estudo da linguagem em funcionamento uma Sociolinguística das Instituições (Berrendonner, 1981). Se queremos “axiomatizar este corpo de regras normativas [regras de cortesia/delicadeza e estratégias sociais] é indispensável desenvolver, no interior da teoria semântica, uma certa *sociolinguística das instituições*” (Berrendonner, 1981, p. 29; itálicos meus), destacando a necessidade de se esclarecer o modo como se exercem os “constrangimentos sociais” como determinantes da forma das enunciações.

A proposta de Berrendonner (1981) de “integrar na Pragmática uma Sociolinguística qualitativa das relações de força na comunicação” (Berrendonner, 1981, p. 29) aponta para uma definição da enunciação como “a totalidade do acontecimento verbal, aceitando representar certas funções até aqui consideradas como não pertinentes – gestos e normas sociais nomeadamente” (Berrendonner, 1981, p. 30). Bourdieu salienta assim que as condições que conferem *eficácia simbólica* ao ritual são reunidas apenas por uma *instituição* que autoriza e controla a sua utilização: “Falar de rito de instituição, é indicar que todo o rito tende a consagrar ou a legitimar, quer dizer ignorar enquanto arbitrário e reconhecer enquanto legítimo, natural, *um limite arbitrário (...)*” (Bourdieu, 2001, p. 176).

Bourdieu, diversas vezes, cita Ducrot, que apresenta uma teorização sobre o valor jurídico dos atos de discurso: qualquer ato de discurso abre direitos e deveres atribuídos ao locutor e ao alocutário (Ducrot, 1972, p. 77; Ducrot, 1980, p. 30). Bourdieu destaca esta noção de valor jurídico do ato de discurso para a integrar *no mercado de forças*, tendo em conta a noção de *habitus* linguístico.

Com efeito, as dimensões jurídicas dos atos de discurso, que Ducrot (1972) salientou no seu trabalho, são destacadas por Pierre Bourdieu para pôr a tónica no *poder do “porta-voz”*. As práticas sociais são regidas por regras linguísticas e



por princípios ou *convenções sociais* que se entrecruzam, de modo que a palavra constitui um meio de que os agentes sociais se servem para estabelecerem relações de dominação e/ ou de poder simbólico (Bourdieu, 1982).

Um tal poder e a eficácia simbólica do discurso dos agentes sociais decorre do seu estatuto e/ou posição na estrutura social: como afirma Pierre Bourdieu,

(...) o poder das palavras não é outra coisa do que o *poder delegado* do porta-voz, e as suas palavras – quer dizer, indissociavelmente, a matéria do seu discurso e a sua maneira de falar – são, no máximo, um testemunho e um testemunho entre outros da *garantia de delegação* de que está investido (Bourdieu, 1982, p. 105).

Com efeito, Bourdieu refere o seguinte:

A eficácia simbólica das palavras exerce-se apenas na medida em que quem a sofre reconhece que quem a exerce tem o direito fundado a exercê-la ou, de modo equivalente, esquece-se e ignora-se, submetendo-se a ela, como tendo contribuído, pelo reconhecimento que lhe concede, a fundá-la (Bourdieu, 2001, p. 173).

Os atos de discurso dependem assim do valor *simbólico-institucional* (Madureira Pinto, 1985; itálicos meus) que lhes é imputado pelos interlocutores. A este propósito, J. B. Thompson, no prefácio que realiza da obra de Bourdieu (2001), salienta o seguinte:

Entendemos que as pessoas falam com diferentes graus de autoridade, que o peso das palavras depende de quem as profere e do modo como elas são formuladas, e assim como certas palavras, ditas em determinadas circunstâncias, têm uma força e uma convicção que elas não teriam de outro modo (Bourdieu, 2001, p. 7).

Retomando a noção de “valor ilocutório” e integrando-a no “mercado das trocas linguísticas”, Bourdieu perspectiva locutor e alocutário como “entidades intercambiáveis”, com uma certa “propensão a falar e a dizer coisas determinadas”

(interesse expressivo) e “com uma certa capacidade de falar” (capacidade linguística) que são conformes a “uma capacidade social permitindo utilizar adequadamente esta competência numa situação determinada” (Bourdieu, 1982). Tudo isto constitui o que Pierre Bourdieu chama de “*habitus* linguístico”.

O *habitus* define-se como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (que Bourdieu expõe na sua obra de 1972 intitulada *Esquisse d'une théorie pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*). O *habitus* perspectivado por Bourdieu corresponde, segundo Madureira Pinto, “a uma competência práctico-simbólica capaz de regular (no sentido de pautar e, justamente, tornar regulares) as respostas dos agentes sociais às múltiplas e diversas *situações* com que os mesmos se confrontam” (Madureira Pinto, 1978a, p. 108).

Um exemplo do uso desta competência práctico-simbólica que Bourdieu refere neste seu livro diz respeito às estratégias de delicadeza que, na gestão das trocas linguísticas, os agentes sociais usam numa tentativa de ultrapassarem a dominação e o silêncio, salientando assim a necessidade de se estudar as fórmulas discursivas específicas que são pistas de “lógicas sociais diversas” (Madureira Pinto, 1985, p. 51) que os agentes sociais mobilizam para legitimar um ponto de vista.

Com efeito, Bourdieu salienta diversos aspetos verbais e paraverbais, que constituem *pistas* reveladoras das relações de forças – *les enjeux* – e que denotam a construção de uma relação de poder na interação (na linha de diversos autores contemporâneos da Linguística). Na Sociolinguística, as instruções de uso (Gumperz, 1982, p. 7; Diamond, 1996, p. 7), são transmitidas através de aspetos verbais e não verbais que se constituem como “pistas de contextualização” (Gumperz, 1982, p. 7) e que assinalam o tipo de *atividade de discurso* (Levinson, 1983) em que os falantes estão empenhados. Integra-se, neste âmbito, um conjunto de sinais de coocorrência, incluindo, entre outros, as fórmulas do discurso, as rotinas sequenciais, o léxico (Gumperz, Kaltman & O'Connor, 1986, p. 4).

## Conclusão

A leitura da obra *Ce que parler veut dire* permite fazer o desenho de um programa de investigação que, integrado numa Sociologia da Linguagem, possibilitará a análise do modo como as produções linguísticas dos falantes interpretam o mundo, organizam o conhecimento e refletem as experiências e/ou vivências do

locutor, social, historicamente e culturalmente situado, permitindo aprofundar o jogo de forças de dominação através da linguagem (e também dos silêncios), com a descrição dos mecanismos discursivos que demonstram a ação da linguagem do locutor sobre o alocutário. A linguagem está mais ao serviço da dominação do que da comunicação, como o próprio Bourdieu confessa na entrevista de lançamento deste seu livro.<sup>7</sup> Nesta entrevista, Bourdieu refere que “falar é um produto que vai para o mercado das trocas linguísticas”, usar a língua depende do mercado, isto é, depende da estrutura da relação entre os interlocutores. Bourdieu dá o exemplo de uma situação de bilinguismo: observa-se que o locutor muda de língua dependendo do assunto abordado, mas também dependendo do mercado, da estrutura da relação entre os interlocutores, sendo que a propensão a adotar a língua dominante aumenta em proporção da posição que o alocutário/interlocutor ocupa na hierarquia das competências linguísticas, por exemplo, nas situações oficiais.

Um tal poder e/ou eficácia simbólica do discurso dos agentes decorre do seu estatuto e/ou posição na estrutura social:

Em suma, a ciência social deve englobar na teoria do mundo social uma teoria do efeito da teoria que, contribuindo para impor uma maneira mais ou menos autorizada a ver o mundo social, contribui para fazer a realidade deste mundo: a palavra ou, a fortiori, o ditado, o provérbio e todas as formas de expressão estereotipadas ou rituais são programas de percepção e as diferentes estratégias, mais ou menos ritualizadas, configuram uma certa pretensão para a luta simbólica como poder socialmente reconhecido de impor uma visão do mundo social, isto é, as divisões do mundo social (Bourdieu, 2001, p. 156, tradução própria).

A consideração destes aspetos envolverá o desenho de um percurso (epistemológico) que permita problematizar as relações entre linguagem e estruturas sociais, estabelecendo, à luz deste exercício analítico, em momentos específicos da análise empírica, relações interdisciplinares entre as Ciências Sociais como a Linguística (a Sociolinguística ou a Sociologia da Linguagem), a História e a Sociologia.

<sup>7</sup> Entrevista disponível em <https://youtu.be/kxGZHT0f9UY>.

## Referências bibliográficas

- Almeida, C. A. (2012). "Que eu já nasci em Riba de Ave. [...] Sempre me conheci aqui em Riba de Ave (risos)": a coconstrução do sentido em narrativas de experiência de vida no Vale do Ave. In V. B. Pereira (Ed.), *Ao Cair do Pano. Sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave* (pp. 417-445). Porto: Afrontamento.
- Austin, J. L. (1962 [1955]). *How to do things with words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Berrendonner, A. (1981). *Éléments de pragmatique linguistique*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, P. (1972). *Esquisse d'une théorie pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz.
- Bourdieu, P. (1977). Sur le pouvoir symbolique. *Annales*, 32-3, 405-41.
- Bourdieu, P. (1982). *Ce que parler veut dire: L'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.
- Bourdieu, P. (1983). O que falar quer dizer. *Questões de sociologia* (pp. 75-88). Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, P. (2001). *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Fayard/Seuil.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1965). Langage et rapport au langage dans la situation pédagogique. In *Rapport pédagogique et communication*. Paris-La Haye: EPHE-Mouton, collection "Cahiers du Centre de sociologie européenne", 9-36.
- Cosnier, J.; Gelas, Nadine; Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.) (1988). *Échanges sur la conversation*. Paris: CNRS.
- Diamond, J. (1996). *Status and Power in Verbal Interaction. A study of discourse in a close-knit social network*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Ducrot, O. (1972). *Dire et ne pas dire. Principes de Sémantique Linguistique*. Hermann.
- Ducrot, O. (1980). Analyses pragmatiques. *Communications*, 32, 11-60.
- Fuchs, C. (1981). "Les problématiques énonciatives: esquisse d'une présentation historique et critique" DRLAV. Documentation et Recherche en Linguistique Allemande Vincennes, 25, 35-60.
- Gumperz, J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gumperz, J. J., Kaltman, H., & O'Connor, M. C. (1986). Cohesion in spoken and written discourse: ethnic style and the transition to literacy. In D. Tannen (Ed.), *Coherence in spoken and written discourse* (pp. 3-19). Norwood, N. J.: Ablex.
- Ionesco, E. (1954). *La leçon*. Paris: Galimard.
- Labov, W. (1972). Rules for ritual insults. In W. Labov, *Language in the inner city: studies in the black english vernacular* (pp. 297-353). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1987). La mise en places. In J. Cosnier & C. Kerbrat-Orecchioni (eds). *Décrire la conversation* (pp. 319-352). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1999). *L'énonciation*. Paris: Armand Colin
- Levinson, S. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Madureira Pinto, J. (1978a). *Ideologias: Inventário crítico de um conceito*. Lisboa: Editorial Presença.
- Madureira Pinto, J. (1978b). Comunicação/ In-comunicação. *Revista crítica de ciências sociais*, n.º 1, 91-99.

Madureira Pinto, J. (1985). *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos. Elementos de teoria e de pesquisa empírica*. Porto: Afrontamento.

Madureira Pinto, J. (2007). *Indagação científica, aprendizagens escolares, reflexividade social*. Porto: Afrontamento.

Récanati, F. (1979) *La transparence et l'énonciation*. Paris: Seuil.

Thompson, J. (2001). Préface. In P. Bourdieu, *Langage et pouvoir symbolique* (pp. 7-51). Paris: Fayard/Seuil.

